

# O BARÃO E O SEU CAVALLO

POEMA HEROI-CÓMICO

EM SETE CANTOS

POEMASI ADMINISTRADOR



S. PAULO

1860

1860.



# O BARÃO E O SEU CAVALLO

POEMA HEROI-COMICO

EM SETE CANTOS

POR UM ADMIRADOR



S. PAULO

IMP. DO YPIRANGA—RUA DO OUVIDOR N. 42

1869.



# O BARÃO E O SEU CAVALLLO

## CANTO I

### O DELÍRIO



Donde vens, Ignacinho, a horas mortas,  
No meio de tigelas e comportas,  
Com uma vela na mão, cheio de empolas  
Montado n'uma rêstea de cebolas ?  
Onde foste buscar a enorme gorra,  
O chapéu com feitiço de pichorra ?  
Tu sonhas . . . tu deliras . . . que venturas ! ?  
Foste acaso no Braz comprar verduras ?  
Não, Ignacio Pindoba, és grande e forte !  
Còmes confeitos, capataz da morte ;  
Morcego de fardão e berimbáu,  
E's capaz de engolir carvão e páu !  
Donde vens ? Donde vens ? Das terras sardas,  
Não pôde ser que vens de calças pardas !  
Ei-la murmura triste a voz afflicta :  
Não me deixam comer banana frita,

Sem sapatós, de meias de canhamo  
Traz na dextra gentil nm verde ramo,  
E' como Ulysses procurando a Italia  
Sem ter sciencia de que foi a Gallia...  
As creanças assustam-se nas ruas  
Por vêr o Guimarães de costas n'as,  
E delle as rondas quasi deram cabo,  
*Vendo um cão a latir de lata ao rabo.*

Ei-lo que chéga á porta da policia,  
E assentou-se no chião ! á tribunicia,  
Loquela ardente, magistral viveiro,  
Quiz soltar, mas cahiu sobre o terreiro !  
Deu um passo, ei-lo entrando o corredor...  
Solta um grito infernal : que dôr, que dôr ? !

Galga os degraus, as portas arrebenta,  
Torce um pé, machuca a esquerda venta,  
Espirra sem querer, procura um banco,  
Pede pão com manteiga e vinho branco...  
« Tragam, tragam-me já o meu cigarro,  
« Tragam, depressa que sinão éscarro ! »

E ao som do bandolim  
Com harmonias suaves  
Cantou sózinho um cantico sem fim...  
Tinha perdido dos bahús as chaves !  
Era um discurso singelo  
Um doce canto amarello ;  
O hymno da criação  
No terremoto da guerra ;  
A cachoeira da serra  
Na villa da Conceição ;

Àquelle brado terrível  
Do almirante Balão,  
Manifesto quasi ao nível  
Da circular do Itauna ;  
A viração da Pavuna  
Nos cedros da Palestina ;  
O brado dos protestantes  
A revolver as estantes  
Dos frades do seminario ;  
O remecher da bonina  
Na lagoa do Bexiga ;  
Enorme dôr de barriga  
Da eloquencia em delirio...  
E assim fallou do martyrio  
Sacando da algibeira um grão rosario  
Ignacio Heinecio Hermogenes Inario .

« Eu não quero comer rojões em brasa,  
Nem ver mosquitos a mudar de casa :  
Tenho mais que fazer, batata ingleza  
Nunca chupei á ceia ou sobremesa !  
Confeitos de papel são cousa boa,  
Mas eu sempre gostei de rosca ou brôa...  
A lua, o sol, a terra debruçada,  
Mariposas, canções, a cangicada,  
Pernilongos, a gente do *Diario* ;  
Na pharmacia de pé um boticario,  
O presidente, o Telles, provisórios,  
O Macedo a gritar meus suspensorios.  
O theatro vasio... a orchestra... a sala...  
O Rodrigo passeando de bengala ;

Num vaso do Japão uma trahira,  
A nivea face de um feroz caipira ;  
Tres pelles de tambor, um frango morto,  
Meu cunhado ajudante, o Cunha Porto ;  
A Bahia, o tridente de Neptuno,  
O mar em que eu navego e a vela enfune ;  
De Taubaté o padre Bento Souza,  
Roma e Turim, é do sepulchro a lousa ;  
O barão no Te-Deum ; uma araponga,  
Na varzea do Pary cauda longa ;  
Chicaquinhas, um golo de congonha,  
Que não sabe tomar quem tem vergonha ;  
Uma regua, o clarim dos permanentes,  
Numa salva de prata, queixo ou dentes ;  
Castastrophes, horror, sangue, manteiga ;  
Por causa de um sorriso em face meiga ;  
As eleições, a guarda nacional, ;  
A fazer exercicio de avental ;  
Prompto o capitãozinho, c'uma embira  
Amarrando o Escobar sobre um pequira ;  
O presidente em mangas de camisa,  
Para vestir-se em busca de uma niza ;  
O Duarte montado na janella,  
C'um pé descalço e outro de chinella ,  
O burro que eu pilhei do Figueiredo,  
Na viagem que eu fiz á Franca— a medo ;  
Papagaios de pennas purpurinas  
Em cima das liteiras— de batinas ;  
Trastes velhos comprados baratinho  
P'ra casa da policia direitinho ;  
A rosa, o malmequêr de Portugal,  
O Mendes solfejando no missal ;

O inferno, o capitão Paulo Delfino,  
Abobora com feitio de pepino ;  
Gallo suro com pennas de pavão,  
Depois de morta Roma, inda Catão...  
E tudo em fim que eu vi naquelle dia  
Do theatro por causa da porfia,  
Que eu não pude dizer, agora o digo :  
*Cumpriu-se a lei em fim, mecham conmigo !*

E cahiu no soalho, era um desmaio ;  
Teve em vez de almofada um gordo paio !  
Tragam d'agua um barril da villa d'Una  
E vão chamar depressa o Itauna.



# O BARÃO E O SEU CAVALLO

## CANTO II

### A VISITA



Oh kagados gentis da Macedonia !  
Oh Caxias, marquez da Patagonia !  
Salmões do Sena, lepidos aromas  
Do rio Tietê, bestas de Roma !  
Ilha das Cobrãs, flôr do Guanabara,  
Taxos de furrundum, debil taquara !  
Fructas de Cambuhy, várzea do Carmo,  
Espingardas de páu que eu só desarmo !  
Oh sol ! oh sol ! cabeça de palito,  
Braza accesa nas costas de um mosquito !  
Delicado nariz, meu relicario,  
Prenda, prenda gentil do secretario . . .  
E as pernas do Macedo, meus cuidados,  
Tendo nas botas os latões dourados,  
E o sérico tremer das bambinellas,  
E estas minhas bombatchas amarellas . . .  
Oh céu ! oh terra ! oh candido embornal

Da besta do Baptista de sendal !  
E o meu chapéu armado e a minha farda,  
A gamellinha, a ponta da alabarda. . . .  
E vós, tristes bedéis da academia,  
De tarde a me chamar Pedro Maria ;  
Minhas theses, ladeira do Castello,  
Cosimento de alteia e de farello !  
Inspirae-me o calor do cégo Marte,  
E a infuza sciencia do Duarte !  
Tenho morto o doutor dos meus amores,  
Posso comprar um lenço furta-côres !  
Não soluçem ; a cura é portentosa !  
Depois de ser barão—Candido Rosa. . . .  
Que ventura sem par ! Que gosto immenso !  
Quasi parto os calções, si nisto penso !

E, limpando o suor do rosto afflicto,  
O barão terminou, quebrando um pito !  
Já da cama em furor salta depressa,  
Enrolando na frente uma compressa ;  
De ceroulas—altivo a rua invade,  
Com a face coberta de alvaiade ;  
De chambre adamascado de panninho,  
Levava um cobertor de algodãozinho ;  
O pé direito envolto em seda frouxa,  
E pintada de azul trazia a coxa ;  
No hombro esquerdo a grã-cruz de S. Gregorio,  
E de fitas no outro um mixtiforio !  
Da policia esbarrou c'uma porteira,  
Onde estava escondida uma liteira !  
Vendo um vulto de branco e de encarnado,

Recuando pergunta alvoroçado :

—Quem na rua ficou nesta hora morta ?

—O Baptista, senhor, de burro á porta,  
O Baptista—o primor dos delegados,  
Que entregou do allemão os bois roubados ;  
Homem que vale tudo, homem de fama,  
Embora sem querer mijs na cama,  
Na excellencia do bem, homem fadado . . . .

—Ora valha-me Deus ! muito obrigado  
Mostrem-me o Guimarães, venho da Sé :  
Que tristeza !—serão bichos no pé ?

E os dous de braço dado em douda valsa,  
Este rasga a ceroula aquelle a calça . . . .  
—Perdão, senhor, exclama o bom Rodriguez,  
Dae-me cedo a comer da Hircania aos tigres,  
Mas antes permitti que as jambeas patas,  
Eu vos calce contente estas sapatas ;  
Comprei-as para vós, foi no Jahú,  
São feitas de barbante e couro crú.  
Estava toda a sala illuminada,  
E, sem ter na cabeça uma almofada,  
O Guimarães gritava comq um louco.  
Quero vêr um boneco e comer côco !  
Geral o espanto foi . . . a um tal pedido  
Metteram-lhe no íabio um toco ardido,  
Puzeram-lhe na face uma cecem,  
E na mão umia vela de vintem !  
E' preciso assustá-lo, disse o Borges,  
E' recêita que trago nos alforjes !

Dispam o monstro já ; que voz tão gaga ! . . .

Talvez tenha no umbigo alguma chaga. .  
Foi dito e feito : logo posto nú,  
Besuntaram-lhe o corpo com angú ;  
Tres gottas de vinagre de alecrim  
Misturaram com caldo de capim ;  
Gritava o Guimarães, pedindo espaço,  
Mas deram-lhe pancada c'um chumaço !  
Que horror ! que negro horror ! que feia mago !  
Vão buscar um canudo á caixa d' agua.

E' difficil dizer qual a molestia ;  
Sentiu do sol nas ventas uma restea !  
As causas deste facto sohrehumano  
Tem origem no solo musulmano !  
Ai, dizê-lo não posso . . . um assassino  
Roubou-lhe do armazem o panno fino !

Depois de recolhido a um alguidar  
O presidente ao lado do bilhar  
Ergueu as mãos e disse : ai ! eu deliro !.  
Onde estás, onde estás, oh Casimiro ?  
As bagas lhe cahiam pelo rosto,  
Como farinha secca em entrecosto.  
Que prantos, que soluços, que desdita !  
Quem rasgou-lhe o roupão feito de chita !

Mas ei-lo—joelho em terra—  
Ao pé do Ignacio infeliz,  
A lhe fazer sobre o rosto  
Mil figurinhas de giz,  
Quasi, quasi por um triz

O negro e medonho jogo,  
N'ardencia daquelle fogo,  
Não fez chorar os recrutas . .  
Estavam sem farda nova  
Em procura de uma escova,  
Mas com as calças enxutas !  
Valeu-lhe naquella hora  
Ter p'ra o relógio encarado,  
Pois descobriu uma aurora.  
E perto um gato escaldado !

Seja feita a vontade do destino . .  
Esta a sineta foi . . foi este osino . . .  
Si a luz bate-lhe em cheio sobre a face,  
Como ha de o infeliz comer alface ! ?  
Porém, buscando em vão Bento Innocencio,  
Novamente o barão rompe o silencio :  
Oh Rodrigues Pintor, não te moderes !  
Si não és coronel, serás alferes . . .  
Com melasso, feijão e gomma gutta  
Tu pões o Guimarães de face enxuta ;  
Mas é preciso vêr que casta é esta  
De molestia que traz um—T—na testa !  
Não posso receitar, vês que me acanhô ;  
Vou as calças tirar, traze-me um banho !  
Bem sei que nesta casa as dobradiças  
Não são cousas assim como linguixas ;  
Preciso consultar o secretario,  
Sachristão da irmandade do R zario ;  
É do Macedo ouvir o parecer  
Que estudou medicina sem saber . . .

São ambos na pharmacia heroes potentes,  
Capazes de purgar do mundo as gentes.  
Emquanto estudo a causa peregrina,  
Mettam, mettam o chefe numa tina !  
E gritandã em furor, besta malquista ! . . .  
Sahiu montado aos hombros do Baptista.

---

# O BARÃO E O SEU CAVALLO

## CANTO III

### A CONSULTA



Na sala do docel que triste scena!  
Tres homens sem dormir... é vasta a arena!  
No meio do salão um candieiro,  
Tres mesas, quatro lapis, um tinteiro:  
Um pedaço de pão, quatro canecas,  
E um balainho cheio de moquecas!  
Na porta, de camisa de baeta,  
Tendo suspenso o pé numa banqueta,  
Resona por effeito do codorio  
De barriga pr'a o ar um provisorio!  
Forrada está de negro toda a sala,  
E em cima do sophá perfida mala!  
Num canto do salão um realejo  
Toca o Lima, sentado sobre um queijo'!  
Que scena, que abundancia de iguarias?!  
Que luzes, que prazer, que melodias?  
Que perfumes que vem pelas janellas,  
Das roseiras plantadas em panellas!?

São tres vultos, são tres, são Esculapios  
Inimigos jurados dos larapios ;  
O primeiro, de calças de ganguinha,  
Na casa do fardão traz campainha,  
E na cabeça carapuça branca ;  
Vem sem meias, calçado de taniãca ;  
Tem debaixo do braço um rolo immenso,  
E embrulhadas broinhas traz no lenço ;  
No segundo de espada e boldrié  
Brilha na fronte um bule de café,  
Trajando um casacão de bellutina  
Prendeu ás costas uma enorme tina ;  
Em vez de botas de verniz dourado,  
Treme-lhe em cada pé um guiso atado !  
O terceiro, vestido de levita,  
Um cigarro de palha ardente, pita ;  
Esconde os pés em lindas chinelinhas,  
E na algibeira latas de sardinhas !

Assentaram-se alegres no soalho,  
Tinha dado o signal—era um chocalho !  
Vinham todos á hora da consulta,  
Que si não fosse assim pagavam multa !  
Silencio que o dialogo começa,  
E, sem panno de bocca, ha ponto e peça.

BANÃO (*meditativo*)

Bem sei que a dôr matou-lhe as esperanças. . .  
Mas do cabello solto fazer tranças ! . . .  
E' loucura . . . si o mal vem de um antraz,  
Expremam-lhe na bocca um ananaz :  
Não creia que o mordeesse no nariz

Um cão damnado á porta da matriz :  
Da hepatite que poz Venus de cama,  
Depois que Scipião venceu em Zama  
Não póde adoecer . . . Oh ! que doente !

MAÇEDO (*continuando*)

Mas não será talvez, meu presidente,  
Lombrigas assustadas e damninhas,  
Por me vêr nú em pello de gatinhas !  
Que horror aquella scena de carnagem !

TELLES (*tristonho*)

Elle tinha, bem sei, a beberagem  
Perto da cabeceira da marquezia,  
Tendo um anel perdido de turqueza,  
Quiz da cama saltar, cahiu de bruços,  
Sem reparar na entrada de dous russos !  
Quem sabe si tomou dozes de arnica !

BARÃO (*zangado*)

Isso é remedio máu de Costa Rica !  
Elle escarra sem custõ, apenas sonha  
Por ter comido á noite uma pamonha !  
Pleuriz, tosse, splenite ou gastralgia,  
São molestias que dão só na Turquia ;  
Ou quando muito em noite de-luar,  
Si bebe alguém cerveja em alguidar !  
O caso é raro e nunca visto aqui,  
E' defluxo apanhado em Tatuhy,  
Ou talvez máu olhado em Taubaté . . .  
Ou quem sabe . . . tambem cravos no pé :

Nem eu mesmo dizer sei o tormento...  
Amigos que será?...

MACEDO (*sorrindo*)

Prenhez de vento,  
Acaso indigestão de arroz com pato  
Por ter ceiado á noite de sapato!

TELLES (*soluçando*)

Si morre o Guimarães, eu fico mudo,  
Nunca mais vou á missa, ou jogo entrudo;  
Empresto o meu chapéu, rasgo as casacas,  
Vou biscoutos fazer, vender caçacas!

MACEDO (*de joelhos*)

Eu ato a espada ao rabo de um cachorro,  
Rompo as calças na rua e subo um morro;  
Vou a Sanctos, viajo no Itambé,  
E afogo-me depois no Tieté!  
Si escapar meu cadáver de urubús  
Que me façam da barba algum cuscuz!  
Morro, morro, senhor, desta desgraça...

BARÃO (*admirado*)

Faz favor de dizer qual é sua graça,  
Já que afastando ousado o reposteiro,  
Vem com ares de frango de terreiro,  
Disse o barão, olhando pr'a um caipira,  
Que trazia suspenso de uma embira,  
Um sapiquá, dous massos de retroz,  
E um chapéu á pastora atado ao cox?

CAPIRA (*com solemnidade*)

Senhor, eu sou do Rosa um emissario  
Que vem de ponto em branco, um tanto vário,\*  
Fui depressa por elle aqui mandado  
A saber si em palácio ha pão torrado !  
Constando que o Ignacio Lagartixa  
Ferigava por causa de uma pixa,  
Trouxe um remedio bom, peço que o faça,\*  
Ourina e limão doce com cachaça !

TELLES (*pensativo*)

Que horror, que horror, que grande descoberta !

BARÃO (*tremendo*)

Ora é bôa, não trazem-me a coberta !  
Tanto azedume assim, tanta aguardente,  
Póde a lingua ferir, quebrar-lhe um dente...  
Prefiro antes clyster de glicerina  
Com sopa de tomates na terrina.

MACEDO

Tambem receio a convulsão dos dedos...  
Póde ser a explosão de alguns torpedos,  
Ou cousa ainda peor—uma formiga,...

TELLES

Soffrendo por amor dôr de barriga !

BARÃO.

Oh ! raios, oh trovões, oh claraboia,  
Donde Enéas fugiu, deixando Troia !

Oh de Sanct'Anna campo fluminense,  
Que me viste estudar o Genuense ?  
Oh seges de aluguel da minha terra,  
Meus botes do Cajú, laureis da guerra,  
Largo da Mãe do bispo, arco do Telles,  
Lavadeiras gentis, ardentes pelles.  
Dos negralhões do ganho . . . oh sim, valei-me !

CAPIRA

Dar-se-ha accaso senhor que eu espichei-me ?  
Contei o caso como o caso foi ;  
Um borracho, um capão, carne de boi,  
Feijão e queijadinhos . . . no terreiro !  
Doutor, doutor, eu sinto agra lembrança  
Do ganço de meu pae, da besta mansa,  
Do vigario da terra, do badalo  
Do sino da matriz, do meu cavallo,  
Do gallo carijó, da pata branca,  
E do bedel que eu tive em Salamanca !

Todos (*chorando*)

Logo vimos : é o Rosa disfarçado  
Em caipira com calça de babado ;  
Falla bem ; a linguagem é selecta,  
Salve, salve mil vezes o poeta !  
Seja elle o juiz desta contenda,  
O nosso requiejão, a nossa prenda !

ROSA

Pois que enfim me estendeis a mão amiga,  
Deixae que enterre um prégo nesta viga . . .  
E, tomando de um canto audaz martello,

Disse irado ao barão, oh tu, Metello,  
Si de humano é matar homem donzel,  
Não me apertes a mão, tira-me o fel;  
Eu sou da Piedade o candidato,  
Eu sei dar cafunés, e pulgas cato,  
Na orelha esquerda me latiu um cão:  
Ou deputado ser, ou ser barão!

BARÃO

Que é isto? que desgraça me acontece?  
Um gato no telhado me apparece,  
Um cachorro mijou-me no tapete,  
E sem querer eu dei-lhe de cacete! . . .  
Foi por causa, senhor da vossa proça  
Que o Guimarães não quiz levar a tosa;  
Não tragam quimbombô pr'a o gabinete,  
Que eu lanço mão de novo do porrete. . .  
E' preciso solver, o caso é grave. . .

MACEDO

Senhor, do guarda-roupa eu gardo a chave,  
E, si for necessario, irei buscar  
De pennas de abestruz vosso cocar.

TELLES

Bebei uma caneca de café,  
Que eu já vos trago a caixa de rapé;  
Breve estarei aqui, vou de gatinhas. . .

ROSA (*cantando.*)

Oh que modinhas  
Não vira eu

No sobre-céu  
Do teu amor,  
Meu verde ninho  
De passarinho,  
Juncto de um folles  
Si tu me boles,  
Perdendo as pallas,  
Que doidas fallas  
Passam além ? !  
Quebra os narizes  
Nos chafarizes  
Lá de Bethlém !

BARÃO (*gritando*)

Muito bem ! muito bem ! a cemitarra  
Não póde comparar-se á esta guitarra ;  
Quem sabe si amanhã o Guimarães  
Comeria um pudim e quatro pães ! . .  
Voltemos á questão do cravo roxo.

MACEDO

Esperemos que o Telles dê um muchocho.

TELLES

Como eu sou secretario—eis meu conselho :  
Visto o Ignacio ser inda fedelho,  
Convogue-se um congresso soberano,  
Que resolva a questão do predio urbano ;  
Consultem-se os notaveis do paiz,  
E, durante a sessão toque a matriz ;  
Si entre pombas metter-se algum milhafre,  
Tracte-se o Guimarães com espinafre !

**BANÃO**

Quanto antes—as cartas de convite,  
E ordens á patrulha pr'a que apite!  
E vós, grandes irmãos universaes,  
Si não credes em mim, porque choraes?  
«Adeus, adeus, ás plagas do meu berço»  
Murmura agora o cantico do terço!  
E de um jacto, sem meias e sem botas,  
Foram portas a dentro ás cambalhotas.

---



# O BARÃO E O SEU CAVALLO

## CANTO IV

### O CONGRESSO



Luzes, luzes de mais !... as arandellas  
Enfeitem de herva doce nas janellas ;  
De bananas gentis podres ingaços,  
E de canna creoula alguns bagaços,  
Atados dous a dous com mão de vacca  
Junquem o liso chão !... meia pataca  
Traga em cada algibeira um permanente ;  
Em vez do seu boné pónha crescente,  
E os cabellos cahidos sobre as costas ;  
— As espadas com fumo, e sobre postas  
Nos copos de crystal rendas de linho ;  
Escrevam no portal — Borges Candinho !  
Eu quero no congresso de cortiça  
Lombo fresco, cajú, mingáu, linguixa ;  
Em vez de chá o caldo da laranja,  
E tigelas azues cheias de canja.  
Eu fallarei, vestido de amazona,

E o Rodrigo tocará sanfona !  
Onde estão, onde estão, padres conscriptos,  
O meu doce manjar, camarões fritos ?  
Assim fallou a quatro de Janeiro  
Com sorriso brincão — Borgez Monteiro.

UM ORDENANÇA (*entrando*)

Senhor, os convidados de espingarda  
Vos esperam... e nós não temos farda !  
Cumpriu-se a ordem dada — ao pé da porta  
Entre duas moringas ha uma torta ;  
Formou a guarda de palacio em torno,  
E da casa do sello fez-se um forno .  
Cada praça com calças de filó  
Tem na cintura um laço de cipó ;  
De amarello fardão o Cruz lampeiro  
Mostra na excelsa fronte um cuscuseiro ;  
Ninguem póde porém abrir cacimbas,  
Mas ha vellas de cebo nas tarimbas !  
Tudo espera, senhor, tudo lá grita :  
Oh raça de barões, raça proscripta!

BARÃO (*gaguejando*)

Eu lá vou, eu lá vou em dous minutos,  
Quero porém ficar c'os pés enxutos ;  
Como prova feliz do meu amor,  
Bebam sem respirar agua de flôr ;  
Pois que não posso agora já calçar-me  
Com perigo de a porta constipar-me  
Dizei á companhia alvinitente  
Que guarde um martelinho de aguardente ;  
Quero bebê-lo á entrada do quartel,

Grato saudando a Penha e o Gabriel :  
Inda um instante sól — nos meigos olhos  
Tincta a face em carmim, porei uns folhos l

Soltou da madrugada o canto macho  
A gallinha d'Angola... ao som de um tacho,  
Quando ao corpo da guarda appareceu  
O barão com feições de camapheu l  
Mettido numa urna eleitoral,  
Trazia na cabeça um castiçal :  
Eram tiéllas gentis desta liteira  
— O Rodrigo vestido de parteira,  
O Rosa com fardão de coronel,  
O Mendes tendo ao lado um saquitel;  
E o Duarte tocando clarineça  
Numa especie de flauta de cacheta .  
Posto em cima da tampa de um bahú  
Quiz antes de fallar comer tutú :  
Que vistas, que paineis, que consultório ?  
Que pharmacia gentil do grão Tenorio ?  
O Valladão tocava symphonias  
Nas sanfonas que estavam nas bacias l  
« Fallem todos de coc'ras, façam angulo,  
Formando em torno a mim um só triangulo. »  
Disse o barão, tomando uma muletá,  
E pondo-se a jogar a carrapeta l  
Ordem dada, — cumprida foi de um jacto ;  
Apezar de um maldicto carrapato,  
Que ao conego Joaquim mordeu no beijo,  
Elle exclama : o capote... oh não, não deixo !  
Na lucta p'ré tomar uma postura  
Ao Iguapé desceu a quebradura,

E o barão do Tietê numa tigella  
Um extenso arranhão fez na canella !  
Mas tudo ficou cedo em seu logar,  
E pôde esta sessão principiar :

BARÃO

Da Grecia e Roma os marmores roubados  
Foram por vós, senhores, occultados ;  
Por causa de um feroz recém-nascido  
Eneas deu á noite um socco em Dido ;  
No colosso de Rhodes o espartano  
Viu cavallos de páu sem ver troyano ;  
Foi lá no monte Ural — que Salomão  
Plantou sem vêr, sementes de algodão ;  
Eu mesmo no verdor da juventude  
Já comi carne assada num almude !  
Vêde que cousas ruins, bem pôde ser  
Que o Guimarães esteja p'ra morrer.

VALLADÃO (*chorando*)

Morrer, morrer meu doce callipino,  
A goiaba do céu, o meu pepino ;  
A relva do quintal, do poço o limo,  
O toucinho, o pudim, o pão de azimo ;  
O cravo, a rosa, a dhalia, o malmequer,  
Neste nosso festim nossa colher...  
Morrer como um pagão, sem sacramento ? !

RODRIGO (*sorrindo*)

Isso não vale a pena que é jumento :  
O que é preciso é dar de disciplina

Até que fique a pelle-purpurina.  
Este enorme aleijão policial  
Só pode resolver-se a fogo e sal.  
Eu trago n'algibeira dous bentinhos,  
E caço nas gaiolas passarinhos ;  
Tenho um pombo azulão no gabinete,  
E perto de uma estante um galhardete !  
Planto flôres ; que bellas parasytas  
De diversos padrões e varias fitas !  
E agora, meu barão, diga o que pensa  
Das torres de Granada e de Florença :  
Eu sou Rodrigo Augusto, homem da breca,  
Sei dançar solo inglez, jogo peteca ;  
Eu escrevi com lapis e com giz  
Este drama immortal — Egas Moniz !  
Logo é certa a pancada ao Guimarães.

BARÃO (*admirado*)

Mas que tem c'ò a parada os capitães ?  
Ver, que horror, a mijar perto da esquina  
Sem pejo uma cachorra... oh que assassina !  
E o chefe, e o chefe, injusto manicheu  
Os pratos da policia até lambeu !  
De um frango assiste alegre ao suicidio,  
Repetindo ao luar versos de Ovidio !  
Contra uma porca, um crime audaz commette,  
E raivoso na orelha os dentes mette !  
Que vergonha, que feio maleficio ?  
Deitar á noite aos pés pó dentrificio !  
E o perverso enguliu um azulejo  
Por não poder matar um persevejo !

Fez doce de cidrão em Taubaté,  
E antes de partir fez um crochet !  
A' noitinha, chorando e quasi a medo  
Fez tranças dos cabellos do Toledo !  
E' preciso, é preciso a penitencia,  
Assim o pensa bem minha excellencia.

O IGUAPE

É tal com que, porque — assim não é,  
Si elle pudesse ir ao Tremembé !  
Eu cá só como peixe á sexta-feira  
E ostras de escabeche na lareira !  
E tal com que, minha terçina aqui,  
Requeijão, vinho velho e sarnambi :  
Oh tu, oh Guimarães, oh conchinchim,  
Cabeça de tomate, ou de marfim,  
Has de ter penitencia e procissão,  
É julgamento á face da nação !

VALLADÃO

Voto, voto a favor, mas eu tambem  
Pelo sermão não peço um só vintem ;  
Farei nas ruas lindas viravoltas,  
Na frente me porei de mil' escoltas !  
Que desenhos de luz ! o Vaticano  
Nos hombrôs carregado de um romano :  
Levando o Dante ao braço um samburá,  
Em busca de laranjas e araçá...  
Na porta do Quartim um frade bento  
A dizer com furor : cante o memento ;  
Pombas da Conceição, jardins da Hespanha,  
Largo de S. Francisco, o Piabanha,

Do Cubatão as lindas cascatellas  
E mesmo os lampiões da vil Bruxellas. .  
Que cousas de espantar este cavallo,  
Este esguio pescoço de gargalo !  
Tudo, tudo farei, chefe damnado,  
Para salvar tua alma do peccado.

—  
Mas que é isto ? que é isto ? de mansinho

Descubriu-se num cantinho  
Mettido dentro de um nicho,  
A esconder o rabicho  
Do tão liso cabellino,  
Com ares de seraphim  
O nosso padre Joaquim :  
Parece, quem o dirá,  
Com calcinhas côr de canna  
Roleta de carne humana,  
Com rosto de cambucá !

TODOS

Quer sardinhas tirar com mão de gato,  
Sem ver que lhe ficou á porta o fato !  
Falle, vigario, falle em phrases nobres  
Póde tranquillo estar, ninguem quer cobres !  
Falle nhonhô !  
Falle Quinquim ,  
Que todos lhe estimam,  
Lhe estimam, pois sim.

CONEGO

Irmãos, irmãos, perdoem-me os peccados  
Por causa dos maldictos mil crusados !

Mas concordo comvosco — estas canastras  
Podem ao longe parecer pilastras!  
Haja silencio agora, este rumor  
As cornetas, o rufo do tambor,  
Nada, meus filhos, nada, ouvi-me attentos  
Quanto antes tomae vossos assentos!  
Mas eu... eu que na mitra, enlouquecia,  
Não fallava ao Barreto da Cutia,  
Na porteira da Sé punha uma talha,  
E mandava pintar toda a cimalha!  
Bispo... bispo... uma hora, um só instante!  
Punha-me a sacudir o pó da estante!  
Trançava no cabello um papelote,  
E a rua sahia de saioite.  
Adornava a cabeça de funil,  
E montava n'um arco de barril!  
Em casa, ao levantar da luz do dia,  
Quando um gato miar, sou eu quem mia,  
Na mesa de jantar, comendo frango  
De castanholas dansarei fandango  
De noite accendo vellas, tiro as botas  
Largo o capote, e viro cambalhotas...  
Irmãos, fallae verdade, ha quantas horas  
Estaes vós á procura das esporas?  
Tendes fome? aqui vos trago pães,  
São presentes do nosso Guimarães!  
Concordo com o laudo do barão  
— Pancada, penitencia e procissão.

---

# O BARÃO E O SEU CAVALLO

## CANTO V

### A VISÃO E A RECUZA



*A' meia noite— a hora dos demonios,*  
Preso por uma escolta de camponios,  
No quarto de dormir do presidente  
O Guimarães surgiu como um demente !  
Vamos, gritava, alli no gabinete ;  
Estou de tanga, nú, de capacete ;  
Atado de baeta ao cinturão,  
Tenho de páu pintado um espadão ;  
Do meu triste soffrer n'ardente fragua  
Dous arcos arranquei da pipa d'agua ;  
Vamos, vamos, depressa, o facto é grave,  
Não mais cateretê, não mais conclave !  
E' perfidia, senhor, eu já estou bom,  
Já não quero mais ser homem do tom :  
Prender-me no xadrez por duas horas,  
E quando a multidão me dava fóras ? !

Pôr-me assim como Adão no paraizo,  
Sem calças, sem dinheiro e sem juizo ? !  
*Basta, príncipe, basta, prescindamos*  
*De injustas arguições !*—O Souza Ramos  
E' mineiro da gema, e disse um dia  
Que o incendio voraz de Alexandria  
Foi obra de Sansão, a quem aprouve  
Noite e dia comer talos de couve !  
Eu fui preso sem culpa, a horas mortas,  
Foi o Claudino que arrombou-me as portas ;  
Pretende o louco que infringi posturas  
Por ter vendido em casa rapaduras !  
Inda um crime, inda um crime horrendo e atroz,  
Não paguei um novelo de retroz !  
Perdão, senhor, perdão ! é ser caifaz  
Fazer a procissão—não posso mais !

BARÃO (*irado*)

Ponha-se ao fresco já, vê que me acanho ;  
De rubra carapuça estou no banho ;  
Hei de vesti-lo aqui, espero a gente  
—O Paulo, o Bittencourt e algum tenente,  
Testemunha que vem coçar-lhe os pellos :  
Nós comeremos junctos caramellos !

GUIMARÃES (*enternecido*)

Que jambeo collo, oh presidente amado,  
Que lindo braço e seio alvoroçado,  
Que esguio pé, que dedos côr de rosa,  
Que barriga de perna tão mimosa ?  
Que espadua núa, altiva e scintillante,

Que lindo umbigo e hombro de Atalante ? !  
Oh que feições gentis desta belleza,  
E o beijo retorcido, e a barba ingleza !  
Mas que verruga é essa que eu destaco  
Com vesgo olhar nas rugas do subaco ?  
E' signal de nascença ? Oh quão feliz . . .

BARÃO

Si continúa, eu torço-lhe o nariz ;  
Mas diga-me, conhece uma tapuya  
Que me queira deitar agua na cuia ?

GUIMARÃES

Eu mesmo, eu mesmo quero,—que ventura ? !  
Borrifar-lhe o coração com agua pura ;  
Oh, não se enfade, não, fôra vergonha  
Não tomar o seu gole de congonha ;  
Mas antes de cumprida esta missão  
Deixe esfregar-lhe o corpo com sabão !

---

E o louco, soluçando de contente,  
Foi-se ao corpo infeliz do presidente,  
E disse ao terminar :—dê-me o perdão !  
Tudo menos, senhor, a procissão !  
Mal terminava a phrase, eis que de um canto  
Surgiu o Bittencourt de espada e manto.  
Tangendo alegre e vivo uma guitarra  
Pôz-se logo a cantar como cigarra.

BITTENCOURT

Ouve, maldicto heróe, hei de cantar-te,  
*Teu nome espalharei por toda parte !*

Foi em Piracicaba, oh trampolina  
Que te metteste dentro da latrina !  
Escuta-me, oh barão, vou começar,  
Neste canto sem fim serás meu par !

(Cantando)

Quem foi que comprou os moveis,

Quem foi ?

Os moveis foram comprados ;

Ninguem nega a compra feita,

Digam tudo por inteiro ;

O mundo é mexeriqueiro :

Portanto

Exponham logo esse facto,

Quem é que fez o contracto ?

Por quanto ?

Si novos eram os trastes,

Que mal ?

Trocaram trastes usados

Na casa do vendedor

Por moveis de alto valor ?

Pois digam logo a verdade :

Que é feio mudo ficar,

E assim lampeiro guardar

Segredo :

Si ha trastes velhos na salla,

Porque a policia não falla,

Que medo ?

Si aquelles trastes vendidos

Atôa

Ao nosso grande Ignacinho

Foi compra em segunda mão,  
Confesse agora a lesão,  
Digam tudo de uma vez

—Por bem !

Si a compra foi cousa boa,  
Não póde fallar atôa  
Ninguem !

Mas que moveis tão baratos  
Foram esses ?

Gamellas ? Não póde ser,  
Nem ricos jarros de fiôres,  
Que moveis de taes valores  
São cousa um tanto salgada :  
Talvez fosse encommendada  
A talha,

Que o Guimarães trouxe experto  
Num caixão todo coberto  
De palha !

Mas talha . . . não é possível ;  
P'ra que ?

Tem dous barris a policia,  
Tres potes lindos e brancos,  
Dous baldes que andam aos trancos :  
Para que pois essa talha  
Que n'asa tem uma falha ?  
Não ha tal !

Boa compra, boa venda,  
Não ha motivo a contenda,  
Tal e qual.

Foram cadeiras de estofo,  
Espelhos,  
Um sophá côr de alecrim,  
E duas conversadeiras :  
Só não houve papeleiras  
Pois pertence ao presidente  
Fazer o expediente

Do tolo.

O Guimarães da Bahia  
Em politica é fatia,  
Ou bolo.

Velhos, novos, compra ou troca,  
Os moveis

Já foram todos entregues,  
Já estão servindo ao doutor ,  
Paguem portanto o valor,  
E digam o preço ao povo,  
Que é feio o processo novo

Da venda !

Si paga o contribuinte,  
Doutor que seja elle ouvinte,  
Attenda !

*(Furioso e parando)*

Oh, que recordação me assalta agora  
No meio do salão, antes da aurora !  
Fui trahido, senhor! . . . ingrato Mendes,  
Nesta minha alma—que furor accendes !  
Tu foste do doutor o conselheiro,  
Já de barbas pozeste-lhe um coeiro,  
E na imprensa da *Lei* . . . olha que escarro—  
Do collete tiraste-me um cigarro !

BARÃO

Basta, que eu tambem tenho voz suave,  
Sou bom cantor da igreja e de conclave ;  
Esperem, eu já deixo esta bacia,  
Quero comer de pão uma fatia :  
Ponham neste salão uma chicaca  
Que mesmo nú em pello eu corto jáca !

---

Foi dito e feito, o louco desvairado  
Da bacia saltou todo molhado ;  
Arrancou a viola ao Bittencourt,  
E logo disse:—tragam-me o cavour !  
Das fórmas raras ao clarão das luzes  
Os vultos pareciam alcatruzes !  
Uns apoz outros vinham despontando,  
E todos mascarados para o bando !  
Cala-te, oh Guimarães, não ha perdão,  
Penitencia terás na procissão !

GUIMARÃES

Oh que tristeza ! amigo destes peitos  
Mande vir um cartucho de confeitos  
Eu quero ouvir, mettido na bacia,  
Os melodicos sons desta folia :  
Vou divertir-me em quanto não apanho.

---

E o Guimarães saltou dentro do banho,  
Emquanto de viola o baronasso  
Torcia o corpo e requebrava o braço :  
Que posturas ? ! que passos engraçados,  
Como pucham fieira os convidados ?

Bravo, bravo, oh meu charo presidente !  
Que requebro, s que voltas de serpente ? !

BARÃO (*cantando*)

Vamos, vamos, rapazes, á dança ;  
Batam palmas—que trine a viola ;  
Vá de roda, o fandango não cança  
Eu sou grande, eu faço tudo,  
Eu sou da patria a columna ;  
Entendo de medicina,  
Eu sou barão de Itauna !  
Chique, chique, tra-lá-lá,  
Espere que eu chego já.

Venha o Paulo, de espada na mão,  
Banda á cinta, bonet de papel :  
Assim mesmo que é ser capitão . . .

Mas eu sou mais do que elle,  
Mato pulgas, tiro dentes ;  
Sou rosa, cravo, jasmim,  
Sou o rei dos presidentes.  
Chique, chique, tra-lá-lá  
Não chame que eu não vou lá !

Ai Rodrigo, não fique parado,  
Assim mesmo a correr de gatinhas,  
Calça ingleza, chapéu derrubado . . .

Ai Rodrigo, isso é demais,  
Não quer que eu falle a ninguem,  
Me cerca de noite e dia,  
E não me deixa, meu bem !  
Chique, chique, tra-lá-lá  
Licença—que eu vou-me já.

Guimarães, Guimarães, o vigario  
Quer ouvir-lhe o discurso no fado ;  
Ande lá que elle salta do armario .

Diga o que sabe da lei,  
Já teve tempo de mais :  
Agora a couça endireita,  
Diga o resto si é capaz !  
Chique, chique, tra-lá-lá  
Ignacio não me dirá ?

---

Fervia a confusão, ardia a festa :  
Esta foi a desgraça, oh sim foi esta  
Que poz o mundo inteiro de maleitas !  
Comprar á meia noite roupas feitas,  
E assim como nasceu, fechado o punho,  
Estar louco a dansar sem cruz nem cunho ! . . .  
Mas quem chegou de longe e bate palmas,  
Accendendo o furor n'aquellas almas ?  
Que trasgo, ou que visão ? digo por mim  
Que seus sapatos são de marroquim ;  
Traz marrafas gentis, de tartaruga  
Um pente enorme traz, n'ardente fuga  
Dos patrios lares mil proezas fez ;  
Por isso tem capote de escossez :  
Vem com cinto escarlarte, duas fivellas,  
Cravejadas de pedras amarellas.  
Apenas assomou na portaria  
Começou uma horrivel gritaria.

ANNINHA VINTEM *(com maglade)*

Quem sou eu ? quem sou eu ? não vêem, ingratos,

A còr especial dos meus sapatos ;  
Venho do Rio Claro, de rosario,  
E vem comigo o meu padre vigario :  
Queremos assistir á procissão,  
Elle de breviario, eu de oração !  
Mas, que é isso ? que cousas eu direi ?  
Vejo Adão a dançar no paraizo ?  
Nú em pello a primeira auctoridade,  
Sem vergonha da gente da cidade ! ?  
Eu nunca vi tal cousa ; é louco, é louco !  
Vou já puchar-lhe a orelha e dar-lhe um socco ;  
Mas antes dançarei com elle um fado  
Sem capote e de pente derrubado !

---

E o fado começou ; era um brinquedo  
Ver os dous a dançar ; sorrindo a medo,  
O Guimarães exclama :— oh centopeia !  
Não se póde negar que é uma teteia.

ANNINHA (*cantando*)

Candinho dos meus peccados,  
Não te zangues, meu amor !  
O promettido é devido,  
Cumpre a jura, oh senador.  
Alma e vida, é tudo teu,  
Oh presidente do céu !  
Si o padre que eu adorava  
Foi inspector das escholas,  
Não me deixes pelas ruas  
A estragar minhas solas.

O que hei de dar-te, meu bem ?  
O que hei dar-te ? um vintem.

Desempenha o promettido,  
Meu barão da pá virada !  
Não deixes triste e chorosa  
Aninhas desconsolada !  
Lê o padre as escripturas,  
Eu posso ensinar leituras.

Mudo toda a redondeza,  
Ponho a tremer a cidade ,  
Os velhos ficam mais moços,  
E mais velha a mocidade . . .  
Ai meu Candinho, si eu fôra . . .  
Eu quero ser professora !

BARÃO

Não me falle, mulher, na petição,  
Eu só quero saber da procissão :  
Amanhã ao romper da madrugada  
Deve estar toda a gente preparada.

---



# O BARÃO E O SEU CAVALLO

:

## CANTO VI

### A PROCISSÃO



Lá vem a procissão ! que immensa gente !  
Que grupos variados de repente  
A fazer posições sobre as portadas ?  
Que estalos sorrateiros de palmadas ?  
Que vestuarió especial nas ruas ?  
Quitandeiras gritando semi-nuas,  
Soldados de fardão e de chinellas,  
Padrecos de batinas amarellas ;  
Cavallos sem sellim á disparada,  
Gallos sem penna em cima de almofada ;  
Mulheres com mantilhas côr de canna,  
E com saias de folha de banana ;  
Os musicos de flauta e de peteca  
A tocar o bitú numa rabeca ;  
De pó de pedra em magnas terrinas  
Nas janellas a luz das lamparinas ;  
Cabritos a berrar, cabras perdidas,

E as pipas co'as torneiras retorcidas !  
Alguns corvos voando pelos ares,  
E cães a uivarem tristes e sem pares :  
Um ditoso painel, todo a capricho,  
E atrás da procissão carros de lixo ! . . .  
Um Patuscão os guia em doida walsa  
De vermelho surtúm e curta calça !  
E sorri de praser, roendo um osso,  
Que em premio conseguiu por ser bom moço.

Lá vem a multidão do pateo egregio ;  
Encheu de pressa o largo do Collegio !  
Brincando, de busina o presidente  
Vem trajando roupagem esplendente,  
Erguendo altivo a palma de um bambú,  
Faz as vezes de alegre pap'angú,  
Applauda a molecada da cidade,  
Vendo assim a primeira auctoridade.  
Da igreja paulistana o grão primaz  
Em fralda de camisa vem atrás ;  
No seu russo pedrez, montado a medo,  
Traz nos hombros a farda do Macedo ;  
Na cerviz do animal pôz o capote,  
E nas ancas lençol de chamalote ;  
Atada o Ignacio traz enorme canga,  
E o corpo apenas cobre-lhe uma tanga :  
Prenderam-lhe á cintura longa embira,  
Que vem segura ao rabo do pequirá  
Do conego Joaquim ; da esquerda ao lado,  
Gritando com furor descompassado,  
O Bittencourt feliz bate o compasso,

E o Chan-chan leva um pote de meláçso.  
Os calções nestas louras embrulhadas  
São choristas de meias encarnadas  
O Rodrigo e o Rosa de S. Roque,  
Que pôz ao tiracollo o seu bodoque.  
Envolvidos num çhale de toquim,  
O amigo Claudio e o Paulo vêem no fim ;  
Trazendo asas de folhas de mamono,  
E fazendo dansar um feio moço.  
Armando cadeirinha de seus braços  
Dous colonos carregam—tardos passos—  
O Elias sem pavor—José Jordão,  
Que lia a portaria do Ferrão !  
Paga ou não paga, murmuravam loucos,  
Os nossos dez tostões, os nossos côcos ?  
E da festa no ardor, lançam-se irados  
Do gibão aos botões amarellados ;  
Valeu-lhe nesta lucta nunca vista  
Agarrar-se ao calombo do Baptista !  
Este zangado grita em altas vozes,  
Não ha de mastigar as minhas nozes,  
Não me tire o chapéu, isso é indecente,  
Não mostre o meu calombo á tanta gente ;  
Desmanchar-me o cabello é crueldade,  
Não injurie assim a auctoridade !

Lá vem a procissão! que gloria é esta ?  
Brilham dignos no meio desta festa  
Um padre e uma mulher de breviarario,  
Envoltos num enorme escapulario ;  
Em roda deste grupo illuminado

Um renque de tocheiros enfeitado  
Com folhas de café... homens de fraques,  
Carregando diversos badolaques.

Que lindo panorama? agora, agora,  
O Mendes c'uma grande catimplóra,  
Com habito de frade e cinturão  
Sustenta ousado rubido guião;  
Ao lado, com as faces maceradas,  
Jogando em cada canto cabeçadas,  
Vestidos de judeus na procissão.  
O Delfino e o Duarte veem e vão!

Logo apoz vem cantando num bangué  
O Iguape e o barão do Tieté.  
Traja o primeiro linda casaquinha,  
E traz luneta d'ouro e bengalinha;  
O segundo, roupão de sedà frouxa,  
Um collete azul-claro e calça roxa,  
Sapatos de duraque, còr de zinco,  
Chapéu de Chile usado e vitreo brinco.  
Adornam o bangué verdes tapetes,  
E as duas bestas trazem ramalhetes.  
Dirige os animaes de ponche azul  
O capitão Lindoro d'Irmensul,  
Que diz meio zangado: oh negra dôr,  
Serei ou não serei procurador?  
Atraz uma ordenança, homem bonito;  
Brilha o vulto andaluz do Benedicto;  
Escarranchado em seu cavallo pampa,  
Com manta de galão, ardente campã:  
O solo inglez, exclama, o solo inglez,

**Maldicta brincadeira do Garcez !  
Bem longe, carrancudo, e de chocalho,  
Manda uma escolta o Prost Rodovalho.**

No meio desta vasta multidão  
La vejo o corpanzil do Valladão ;  
— Vestimenta de meia, ao corpo unida,  
De branca barretina e pluma erguida ;  
Joga engraçado, procurando azares,  
Em cada esquina jogos malabares.  
Lá vem a procissão ! ai quanta cara  
Chega ao largo da Sé e logo pára !  
Silencio inda uma vez, temos sermão !  
Ao pulpito subiu o Valladão !  
Cesse a busina aqui do presidente,  
Que vae fallar o pregador da gente :

SERMÃO.

*Ecce rex, ecce bestia, vel burricus,  
Salve, doctor doctorum—Ignacicus !  
E' este o rei, a besta portentosa,  
Que faz brotar da terra a caparosa ;  
E' este da policia o cavalleiro  
Que ousou sentar-se aqui num fogareiro ;  
E' este da justiça o mal das vinhas,  
Comedor de batatas e de pinhas ;  
E' este o domador dos ferros micos !  
*Ecce rex, ecce bestia, vel burricus !  
E' este o grão doutor da mula russa,  
Nú em pello, de rubra carapuça ;  
O sacerdote ingrato aos filhos varios,  
Que arma gaiolas p'ra caçar canarios ;**

Satanaz de roupeta, um pombo escuro  
Batendo as fúscas azas sobre um muro ;  
Um gato branco, do telhado á beira  
Depois de ter mijado na setteira !  
Irmãos, irmãos, sauda e o grande chefe,  
Do nosso matadouro o magarefe ;  
Demos-lhe pão, presunto, uma gallinha . . .  
Mas quem vejo a chorar ? Anninha ? Anninha ?  
Moleques, onde estão os ticò-ticos ?  
*Sa'Ve, doctor doctorum Ignacicus !*

De palmas um trovão acolhe a phrase,  
Deste grande orador n'última phase !  
Soam as melodias de uma orchestra ;  
E quem não póde ouvir canta e palestra !  
Como um louco de posse de um flautim  
Tocava ardente o conego Joaquim.  
O momento chegou do sacrificio ;  
Nada de pranto, nada de artificio.  
Gritaram todos : venha o pap'angú,  
E traga a heroica palma do bambú !  
E' castigo chinez, venha o marmanjo,  
O Ignacio Guimarães, o nosso archanjo ;  
E' preciso que apanhe aqui nas ruas,  
Co'um feixe de sipó, de costas nuas,  
E o conego puchou a corda á pressa,  
E metteu-lhe entre os coldres a cabeça.  
Mal ageitou-o em commoda postura  
O presidente deu-lhe com frescura !  
No meio da tristeza universal  
O conego resava num missal :

ORAÇÃO.

Accipe, frater,  
In lombo tuo  
Sacram virgam ;  
Quid petis, filius ?  
Ego non possum  
Rumpere virgam.

Frater Ignacius,  
Divinam gloriam  
Tu perdivisti !  
Et nos quoque  
Horribile voce  
Tu chamavisti

Amicus frater,  
Dominus tecum,  
Ora pro nobis !  
Euh tristissima  
Magna sors !  
Et pax vobis.

Terminada a oração, a molecada,  
No meio d'algazarra atordoada,  
Tomou conta do chefe, estava louca ;  
Poz-lhe uma touca  
E assim cantou :

HYMNO DE GLORIA.

Fogo, moleques, não parem !  
Fogo no Guimarães ;

Fogo no calhambeque ;  
Palmadas, não tenham dó !  
Ora bate moleque,  
Ora bate coió.

Fogo no chefe, rapazes,  
Não tenham pena do Gomes ;  
Agora agarrem-lhe o beque,  
Atirem com elle ao pó !  
Ora bate moleque,  
Ora bate coió.

Rasguem-lhe a tanga, meninos,  
Palmadas que nos deem gosto ;  
Agora deem-lhe de espeque,  
Deem-lhe tambem de cipó !  
Ora bate moleque,  
Ora bate coió.

Fogo ! fogo ! mais paucada  
Paucada de enrubecer !  
Taponas, demos-lhe um cheque,  
Quebrem a perna ao socó !  
Ora bate moleque,  
Ora bate coió.

Mas que horror ! mas que horror ! nesta meada  
Surge zurrando louca e disparada  
A besta do Baptista !—a chuva cae,  
Um chorista da Sé gritando sae  
Por ter levado o vento um papagaio ;  
Vem virando na esquina um cão malaio :

A musica, trazendo umas cadeiras,  
Foi-se esconder debaixo das goteiras ;  
Depois de ter quebrado o teu flautim,  
Sahe de galope o conego Joaquim,  
E' tudo confusão, é tudo horror,  
Só por causa de um vidro de alcanfôr !  
O presidente irado numa esquina  
Tirava sons horriveis da busina !  
Por fim entrando a casa do *Diario*,  
Exclamou a chorar com gesto vario :  
« No festim de um cadaver que devoro  
Um estribo perdi, não tenho lóro ;  
Mordeu-me um caranguejo, estou no mangue,  
E' meu hymno furor, meu nectar sangue !  
Na mesa de jantar teremos bagre . . .  
Esperae, esperae ! Faz-se o milagre !

---







# O BARÃO E O SEU CAVALLO

## CANTO VII

### A TRANSFIGURAÇÃO E O CARNAVAL



Quem quer, quem quer comprar alcomonia?  
Gritava com furor a mãe Luzia.  
Hoje é domingo, sim—ao longe, ao longe  
Vi Satanaz com habito de monge!  
Cabinda, eu sou cabinda! oh gente feia!  
Ver o Mendes dansar na varzea cheia! . . .  
Cala-te, oh preta audaz, exclama o Lima,  
Eu do Rio cheguei, tu de Solima.  
Mas que vejo? Ao luar d’Africa os filhos  
Espigas a comer de roseos milhos. . .  
E nem siquer—oh céus! entre os limões  
Hei de ver o barão aos empurrões,  
De seringa na mão, gritando alerta,  
Oh minha gente, que pretinha esperta!  
Vem cá Luzia, vem! no taboleiro  
Terás pés de moleque? O carnicheiro  
Deu-te um beijo na fronte, ou só de horror  
De molhado me vêr mudas de côr?

E a noite ia descendo, e a varzea inteira  
Parecia um lençol de quitandeira ;  
Canôas a vogar no rio atôa,  
Tendo a popa quebrada e luz na prôa ;  
As lavadeiras de saio e alvinho,  
A esconder-se debaixo do banquinho ;  
Um allemão, gritando, de botija,  
Não peguem no cavallo que elle mija ;  
Da Sé os eleitores de gatinhas,  
Trazendo ao peito lindas campainhas ;  
Do Braz o lote guiã pelo aterro  
O Proost grão-pirralho de sincerro ;  
Não querendo ficar atraz na gloria,  
Daquella horrenda e temerosa historia,  
Representa na festa de capuz,  
Num bacalháu montado, o grande Cruz ;  
E o Luiz Pacheco traz sobre uma canna  
De pés no chão, enorme tabarana ;  
Da Fundição o magestoso Hyrio  
Lá vejo de levita o grão Porfirió,  
No observatorio azul do Seminario,  
De telescopio em cima de um armario ;  
E os frades, espantados, de vassouras,  
Sacudindo um rosario de cenouras.  
Lá no porto do Bispo acocorada  
Foi a Camara sem dó toda ensopada ;  
Mas apesar do banho o presidente  
Inda grita a suar : que dôr de dente !  
Tragam, tragam-me já o meu rosillo,  
Que não soube este mez o que era milho !  
Que horrivel carnaval, scenas ingratas !  
O conego Joaquim nú, de alpercatas ;

Um cão maltez vestido de modista,  
Que quer entrar na Sé como chorista ;  
Na ladeira geral triste um perú  
Cantando as glorias do João Bitú ;  
No meio da confusa berraria  
Gente e mais gente em busca de aletria. . .

---

Meia noite souu ! lá no palacio  
Grito feroz estruge . . . onde está Cassio ?  
Bruto ressuscitou ! não me apoquentem,  
Não rasguem-me os calções ! oh não, não sentem  
Que eu vou penar assim de farda e saia,  
E o Guimarães que é a minha besta baia ! ?

---

E a varzea estava cheia, e o povo em ondas  
Com taquaras na mão fazia rondas ;  
Trazendo anzões de páu e enorme harpéu,  
De calças de brim pardo e de chapéu,  
Vinham em marche-marche lá do Braz  
Os provisórios à pular quintaes ;  
A policia local de ponche branco,  
De vermelha bombacha e de tamanco,  
Com tempo para a festa convidada,  
Pedia em altos gritos carne assada !

---

Mas eis descendo vem as irmandades  
A ladeira do Carmo ; estas edades  
Puzeram o barão de rabo torto,  
E ao Guimarães deixaram quasi morto !

Que luzido cortejo ! A do Rosario  
Traja vestido azul, e em passo vario,  
Na praça do mercado—num poleiro  
Soluça de paixão Thomaz Ribeiro ;  
A da Misericordia veste opa,  
E vem tocando á frente extensa tropa  
Carregada de ovos, rapaduras :  
Traz na testa um penacho de fressuras :  
A ordem terceira, em mangas de camisa,  
Com saia de chaly e longa nisa,  
No meio da feira dos archotes  
Lançava á multidão flôres e mottes.  
Da cintura para cima nú... tão triste,  
O Hyppolito ao eñtrudo não resiste :  
Traz debaixo do braço uma cacheta  
Que roubou a um soldado na retreta !  
E o Duarte, iracundo perguntava :  
—Mas se hontem, Thadeu, elle alli estava ,  
Si da noite ao cahir com samburá  
Foi comigo junctar flôres de chá ;  
Si quando eu exclamei—Jundiahy !  
Elle me respondeu eu bem te vi ! . . .  
Este caso infeliz vae a peor,  
Eu não posso dizer versos de cór.  
Depois que deu-me o Rocha aquellas sovas,  
Já não suspiro' mais, não faço trovas ;  
Arranjo demissões, escrevo cartas,  
E vou de tarde á caça das lagartas !

---

Quanta gente a correr, que gritaria ! ?  
Que immensa multidão, que companhia !

Multicolor, variada, em grupos mil  
Pintada de açifrão, cheia de anil !  
Lá vejo do thesouro o inspector,  
O Pereira dos Sanctos c'uma flôr,  
Perguntando a quem passa de repente :  
Vossê não viu o meu romance ardente ?  
Aqui trago jornaes—a collecção  
Dos meus *Ytororós* no casacão !  
E era bello de ver, todó eufunado,  
Gritando como um louco :—eu sou formado,  
Tenho brincos azues e da *Revista*  
Fabriquei um chapéu que o mundo avista !  
Atraz delle, sorrindo e de sacóla,  
Disfarçado o Coimbra em hespanhola,  
Gritava enternecido :—oh tu, Pepita,  
Não tens amor ao chefe ? a ronda apita.

---

De galope a correr ousada malta  
Ao longe surge e pela varzea salta,  
Coberto de suor, comendo roscas  
O valente esquadrão assusta as moscas !  
Álli grita Vicente de Azevedo,  
Coronel infeliz que chupa o dedo,  
C'um gibão escarlate, enxada á cinta :  
Eu danso o miudinho, eu jogo o pinta !  
Lá descubro, montado num burrico,  
O Correia Ché-ché, o doutor Mico,  
Vestido da cabeça até os pés  
Com variadas notas de mil réis !  
Vem num boi o Claudino lá da Franca

Com o rosto voltado para a anca !  
Seguem-se logo apoz, formando alas,  
De verde barretina e de bengalas,  
Inspectores de estrada empantanados,  
Voluntarios dos cofres q̄vãstados !  
Inspectores de eschola, commandando  
De mestres e meninos largo bando,  
Acompanham a marcha de corneta !  
Capitães de policia de baeta  
Pedem cinco mil réis p'ra montar guarda,  
E uma esmola tambem p'ra fazer farda !

---

Da guarda de honra á frente do caminho  
Brada um vulto ao luar :—Capitãosinho,  
Eu não pude salvar-te, apanhei muito,  
Mas destas coxas tu farás presunto !  
Era o vulto gentil ubatubano,  
Mandado pelo club soberano  
Com bentinhos, rosarios e medalhas,  
Louça velha, pão doce e maravalhas !  
Apenas avistou perto a matula,  
Com seu chapéu na mão, deu volta á mula,  
E tomando o seu ar de páu de cerca,  
Começou a gritar : quem a jui merca ?  
De tudo lá na Córte eu só dispunha,  
Não me chamem Barboza—Antonio Cunha  
E' meu nome de guerra, eu faço tujo,  
E por isso aqui vim jogar entrudo !  
Arriando um balaio ao pé da gente,

Cheguem, disse, rapazes, é pão quente !  
Não quero pão, gritou Paulo Delfino,  
Não me zangue que eu vou repicar sino!  
Esborrachou nas ventas do Catão  
Já meio podre horrífico mamão !  
Gargalhada infernal rompeu os ares,  
Que o mundo sujo via os alamares  
Do general mais forte destes dias,  
Que ha de vencer as glorias do Caxias !...  
E com effeito, oh sorte aventureira,  
Tinha a mula rendida da cadeira !  
Este sim, murmurou, o Manoel Reis  
Entende o cantochão, e sabe leis !  
Mas tu, Caxias meu, eu fallo, eu fallo....  
Lopez fugiu e tu, tu sem cavallo !?..—  
Como has de correr aquelles mattos,  
Sem farda, sem espada e sem sapatos ?!  
Como has de ver aquellas serranias  
Si o cavallo morreu, quando tu ias ?  
Como has de ver o grão Mac Mahon  
Que fez o testamento, homem de tom ?  
E madama gentil, que vae-se embora,  
Ao som d'artilharia, estrada fóra ;  
E o capão Mamoré todo cercado,  
Donde a gente fugiu por ser fechado ;  
E o Cerro Leon, feito de estuque,  
Aonde o dictador jogava o truque ?..  
Oh cavallo infeliz, cavallo triste,  
Immortal catimbau ; ai ! tu só viste  
De Spanpha a dor suprema ! elle desmaia,  
Vendo um novo governo á paraguayá !....

Doutor, doutor, murmura o Honorato,  
Eu vi sem cauda á noite um grande rato,  
Debaixo de uma estante escondidinho  
Por causa de um pedaço de toucinho l . . .  
E o maldito Indalecio, alma feroz,  
Quiz enforcá-lo em laço de retroz !  
**Mas eu preguei-lhe então fero codilho**  
E as barbas lhe enfeitei de canutilho !  
Choramos ambos a desgraça immensa  
Desse fado infernal, dessa doença  
Que faz dormir na festa á luz do dia  
O parteiro gentil da enfermaria  
Da capital da terra paulistana,  
Conhecido por Candido banana !

---

O Reis quiz replicar, mas caladinho  
Ficou logo avistando o Agostinho,  
O bravo cidadão de capa e opa,  
Que carimbou-o lá no hotel de Europa.  
Que é isto, exclama ousado o bom Baptista,  
Si continuam, passo-lhes revista ;  
Que eu me chamo Rodrigues—papa fina,  
O primeiro eleitor, o rei da ourina,  
Quando vi em palacio uma espingarda  
Na escada disparar como bombarda,  
Dei um grito infernal, disse ao barão :  
Tome a espada, senhor, vista o fardão !  
Que milagre ? fugiu como um bisouro  
Em busca do Pereira do thesouro,  
Apezar de que alli eu era escudo,  
Que podia apanhar jogando o entrudo !

Lá vem, rinchando em chamas abrasado,  
O cavallo que foi amortalhado !  
Traz em cima um macaco de fardão,  
Que pelo geito creio ser barão !  
Ao ver o animal latem os cães,  
E toda gente grita :— é o Guimarães !

---

Cumpriu-se a penitencia ; os peccadores  
Foram pintados de diversas côres.

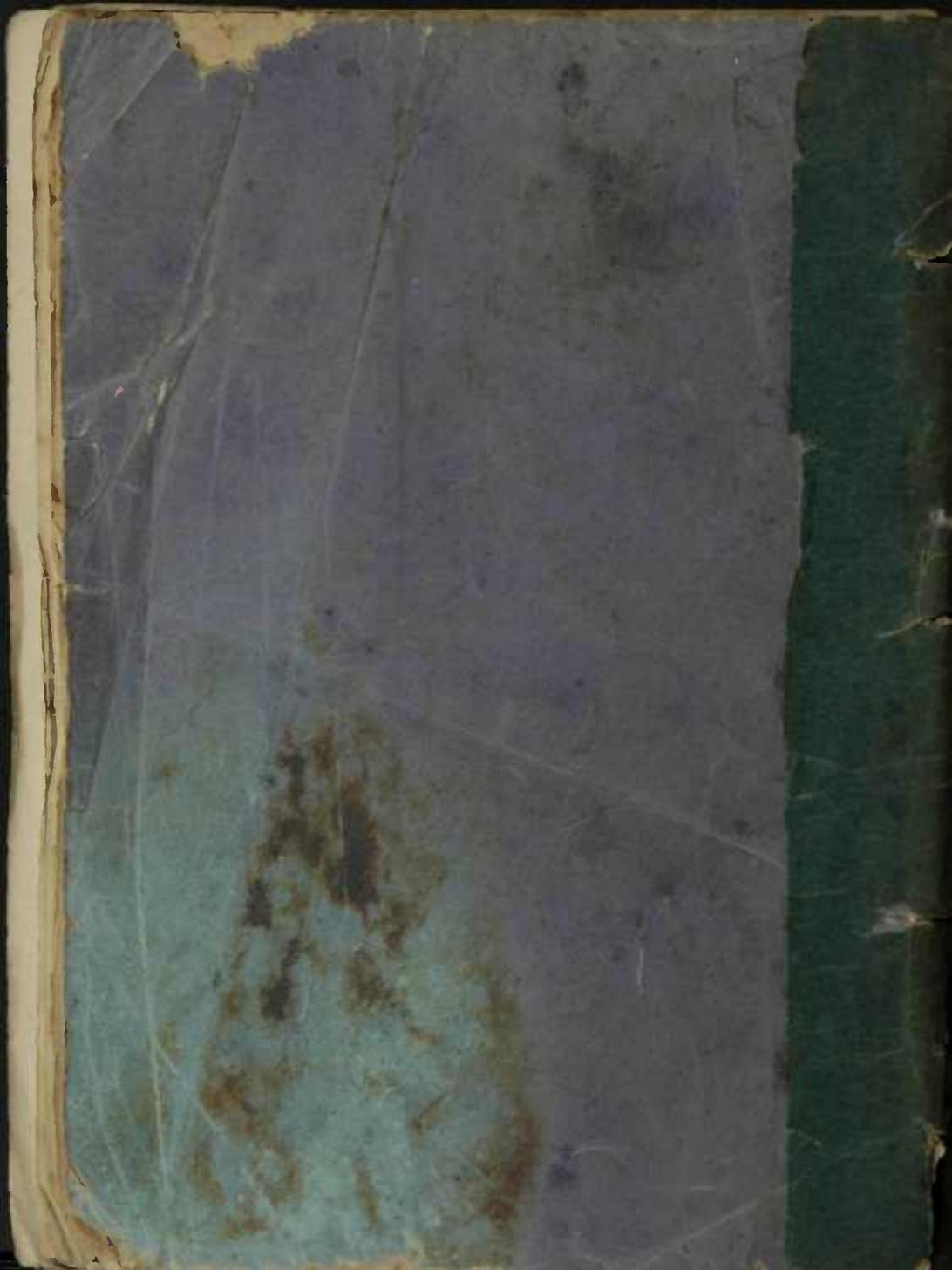
FIM











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).